

O PRELUDIO

Orgão do "Centro Artístico do Conservatorio"

Anno I

São Paulo, 9 de Junho de 1906

Num. I

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente, *Raul Valentim de Queiroz*.
Secretario, *João Rabello Coelho*.
Membros, *d. Ocalina Reis* e *Antonio de Figueiredo*.

—————

O Preludio

Pequeno no valor, grandioso na intuição, esperançoso, apparece no seio da estudiosa mocidade paulistana o «Preludio».

Traz em si a simplicidade juvenil e o ardor guerreiro.

Não o assombra a immensidade da jornada que tem a percorrer.

O entusiasmo que anima os seus factores é justo e duradouro; a estrella que o guia é a da perseverança e do trabalho.

Como o echo dos sentimentos d'aquelles que seguem a artistica carreira dramatica e musical, elle seguirá altaneiro a rota que traçou, indifferente ás perturbações exteriores, alentado pelos nobres ideaes que inundam o espirito dos paladinos que os defendem.

Escureça o ar, chovam brados de injustiça, relampeguem brados de indifferença, em torno de nosso pavilhão de combate, atinjam-n-o as settas virulentas da critica insensata, mas, nós continuaremos a nossa marcha, inabalaveis nos nossos designios.

E, cheios de ardor e coragem lançamo-nos na lucta do jornalismo.

Os que nos enfrentarem combateremos na razão de nossas forças, e aos que nos confortarem garantimos o tributo de nosso trabalho e da nossa gratidão, embora não se possa deixar uma balisa, nem conquistar uma victoria.

—————

O THEATRO

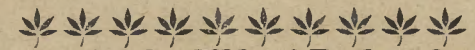
Para o primeiro numero do *Preludio*, tornava-se preciso que estas linhas fossem buriladas cuidadosamente e que a forma tivesse esse quê de identico a um marmore artisticamente cinzelado, «com estremecimentos divinos».

Tal não se dá entretanto; este artigo feito ás pressas, à *la diable*, não tem a pretensão de exhibir estylo, nem patentear um vocabulario rico com adjectivos cantantes, adverbios retumbantes, mas apenas mostrar a boa vontade que tive em collaborar no primeiro numero do orgam do *Centro Artístico do Conservatorio*.

Desenvolver o thema que encima estas linhas é tarefa deveras superior ás forças do seu obscuro autor. Todavia, não me posso furtar ao desejo de dizer algo sobre o nosso infeliz theatro que tende a desaparecer, se não se tomar a peito, firmemente, a idéa de restaural-o e de pol-o ao nivel que o nosso meio, a nossa natureza, o nosso desenvolvimento intellectual exigem.

Porque, precisamos confessar: actualmente não temos Theatro. Não ha um drama, uma comédia, uma peça qualquer theatral que reproduza, estude fielmente os nossos costumes, analysando-os; estamos em completa estagnação intellectual.

E se a literatura dum paiz marca o grau do adeantamento artistico do seu povo, o Brasil, se o julgarmos pelo theatro que possui, não faz muito bella figura ante a literatura theatral, brilhante, profunda, psychologica, que são



À MINHA MÃE

*Por toda a parte onde arrastei meu manto
Deixei um fundo traço de agonias
(Fagundes Varella)*

Longe de ti, ó minha Mãe querida
Vivo infeliz. E nesta noite escura,
Choro as perdas illusões da vida,
Os meus sonhos de amor e de ventura.

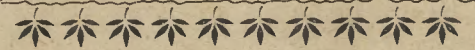
Qual monge austero de glacial figura,
Sem ter descanso, sem achar guarida,
Vago em busca da paz da sepultura.
Para o repouso ter da humana lida.

Os meus sonhos, as minhas vãs chimeras
Fugiram em demanda das espheras,
Deixando-me no mundo abandonado.

Só tu me comprehendeste, Mãe! Sosinho.
Longe do teu olhar, sem um carinho
Deixarei este mundo desgraçado.

SALGADO FILHO.

Dos (Risos e Lagrimas) a entrar no prelo.



o orgulho e a prova do exuberante desenvolvimento intellectual de outras nações menos apathicas e mais perseverantes do que nós.

Comtudo, não pensem que o autor deste insipido escripto seja um demolidor, um demagogo. E' apenas um observador, muito myope é certo, mas não tanto que não possa contemplar a maneira vertiginosa com que o nosso theatro ameaça desambar para o abysmo da banalidade.

Parta do *Conservatorio* o primeiro brado contra o indifferentismo irritante com que encaramos a literatura do theatro, trabalhando com amor e vontade para reerguel-o e pô-lo de accordo com as modernas idéas, são os ardentese desejos do

DOGE DA MAIA.

A MORTE

Que és tu, ó Morte? Eis a eterna interrogação a que embalde procuram responder as philosophias e as religiões, o temeroso problema, cuja solução todos idealizam, e que, emtanto, perdura sempre inaccessivel, enigmatica, na nebulosidade horrida do mysterio.

Nesta bella manhã do glorioso Maio, o florido mez de Maria, neste excelso dealbar da aurora, que de tão bello é uma verdadeira hosanna, entoadá á Natureza, não posso atinar com o que traz ao meu espirito este cortejo funebre de idéas negras, entre as quaes avulta o phenomeno da Morte.

Será o tédio que emana do constante mourejar de cada dia?

Será a lembrança de alguém que alcançou sua alma pela amplidão infinda do azul?

Não sei. Meu espirito, porém, se compraz melhor com a ultima hypothese.

Em vão, procuro explicar o exquisito pendor a que propende meu ser para desvendar a incognoscibilidade da Morte: o que é factó é que me sinto arrastado a perquirir o mysticismo negro desse terrivel Além.

E' uma idiosyncrasia como outra qualquer.

Afigura-se-me que a vida humana é a platéa do immenso theatro do mundo.

O seu gigantesco palco só se descortina aquelles que fazem a grande viagem, revelando-lhes então o magno enigma.

O moribundo, no seu derradeiro arranco de agonia, através de seu espirito vasquejante, que bruxoleia, deve ouvir os extranhos accordes da sua orchestra funambula.

Nesse angusto transe, quando as mãos piedosas de um parente amantissimo lhe cerra as palpebras alanceadas pela febre, a esse viajero, certo, se depara, atraz do panno que sóbe, o espectáculo de uma vida deliciosa, qual a redempção auroral da alma, sob uma outra cariz celeste e em meio de coisas insonhadas.

Segreda-me a irrequieta fantasia que a creatura que evolla ás longinquas plagas da Eternidade, ao abicar neste porto, qual navegante sem norte, sente entumecer-se-lhe o peito de immenso conforto.

Penetra no vasto imperio da Morte. Numa collina redolente, onde ver-deja exotica floração e crescem loiros cachos de fructas bizarras, se ergue o casario branco, muito branco, immerso em luar perenne.

Porque, cumpre accrescentar, naquellas alturas não ha dias, nem noites; seus habitantes, seres privilegiados, não carecem do somno e menos ainda do alimento.

Plasmados em uma substancia fluidica e radiosa, elles vegetam em secular bemaventurança, alumiados pelas

irradiações luarentas que se diffundem de seus organismos.

São a encarnação do bem absoluto, e como tal permanecem em um estadio intermino de paz, vivendo do espirito e para o espirito.

Alimentam-se do sentido visual.

E' por isso que, no silencio das noites estivaes, objectivadas em myriades de estrellas, divisamos, na lucifera sacada empyrica, suas phosphorecentes pupillas, que perscrutam o que vai cá na terra.

De quando em quando apparecem naquella paragem envoltos em alvissimas tunicas e sobraçando grinaldas, peregrinas virgens de cabellos loiros e assedados como estrigas.

Seus olhos têm a côr da *forget-me-not*: são as pallidas donzellas roubadas á vida pela Parca miseranda.

São as Ophelias, as Graziellas e as Beatrizes.

As pequenas scintillas, que espargem claridades, afogando-nos a alma em suaves emolliencias, são os seus candidos olhosinhos, que se fitam no vacuo.

Durante o tempo em que essas virgens se transformam em espiritualidades, ha grandes festas entre os subditos da Morte.

Eis o que me disse a fantasia, uma *senhorita* amavel e muito minha amiga.

Austero e rigido, porém, enristando uns olhares catonescos, se me entolha um outro conhecimento: a *senhora* Sciencia.

Num gesto largo e doutrinario, diz-me: «Moço transviado! vamos á realidade; a Morte é, nem mais nem menos, um resultado da Evolução. E' a transformação da materia, por via de restituição á natureza, porque na «Natureza nada se crêa, nada se perde».

Coisa materialissima: o homem que morre transfere á terra os elementos que o constituem, retornando estes á vida, caracterisados já numa irisada borboleta, já no arbusto gracil de uma palmeira.

Não raro, vemos voitar em volta de nossas cabeças uma borboleta, cujas azas, de um azul vivido, rebrilham ao sol.

Objectivado nesse mesquinho insecto, quantas vezes, sem o suspeitarmos, não temos juntinha a nós uma parcella de um morto querido.

Rematando o seu palavreado diz-me ainda a Sciencia: a morte deve ser somente considerada sob este aspecto material.

A sua idealidade é um dos muitos capitulos do Incognoscivel.

Ex-abrupto, porém, pregando um formidavel repellão na austeridade scientifica, cresce á minha presença o estolido fantasma de Çakia-Muni, o chefe do Budhismo.

Resignadamente, tal como o espirito de sua doutrina, balbucia o sabio: a morte é o *Nirvana*, isto é, o descanço eterno, o esquecimento e o supremo somno.

Vêm-me á tona do espirito, despertados pela palestra da Sciencia, as concepções spirita, da metempsychose e paradisiaca, sobre a morte.

Ponho-as de lado, porém. Não quero que os leitores me acoimem de abelhudo. Saibam, ágora, os que me lêem: não perfilho absolutamente as idéas da *senhorita* fantasia.

Descrevamos, em duas palavras, a carantonha da morte, tal como a comprehende a imaginação popular.

Lurida, entrechocando horrorosamente os ossos, a horrivel dentuça á mostra, eis-a: do vasto craneo escaveirado emerge uma lingua de fogo fatuo!

Cobre-lhe a ossatura esguia um alvissimo sudario.

Ergue um braço: a tetrica foice descêve um circulo no espaço, em ademane de ceifar existencias.

Rodeia-a uma renque infinda de avejões, corvos, milhafres, crucitando lugubrememente.

Qual eterna Lady Macbeth, a morte arrasta no seu manto incendios, inundações, terremotos e o prestito interminavel de todas as desgraças. Constituem suas invictas phalanges as epidemias, as secças e as pestes.

E' feia e horrivel a morte, convenho. Não a temo, entretanto.

Por isso, ha dias, no Velodromo applaudi sinceramente um *foot-baller*, pelo seu espirito.

Cumprê dizer: este meu amigo é um sceptico, um descrente, um desilludido; possui, emfim, todas as qualidades dissolventes possiveis. E' um ser negativo por excellencia.

Como disse, tratavámos do problema do Além. «Morte mesquinha, disse elle, odeio-te e zombô de ti!» Depois (rindo frio), ajuntou: «Quando me vieres buscar, prego-te uma *charge*!»

Muito á puridade, confesso-vos, leitores amigos, senti nesse momento um gelido *frisson* de horror: o meu amigo parecia um louco!

Resta mostrar-vos até onde me levou a extranha obsessão pela magia luctulenta da morte.

Quiz vêr, *de visu*, a medonha tragedia. Para isso, dirigi-me a um dos muitos hospitaes da Paulicéa, justamente quando num delles agonisava um operario.

Pallido, distendido num enxergão, a pobre creatura denotava no rictus do rosto indizivel soffrimento. Tive a extranha crueldade de assistir áquella agonia, analysando, com um goso que não sei explicar, os seus minimos detalhes, até o momento em que o misero se desprende do envolvero terreno.

Estou curado, porém. Quando de lá sai trazia a morte na alma: foi a minha penitencia.

Este artiguete é a sua historia.

S. Paulo, 1906.

R.

Conservatorio

Dramatico e Musical

É, finalmente, devido ao esforço desinteressado, á vontade e á dedicacão de um grupo de homens de saber e de coração, uma realidade o Conservatorio.

Quanto trabalho tiveram de vencer, quanto preconceito tiveram de destruir para provar que não era uma utopia, um sonho literario, a fundação e a conservacão entre nós, neste meio quasi refractario ás tentações da arte, ou mesmo rebelde,

e, fazendo-o despertar dessa atonia, mostrar que, em toda a parte, onde haja quem queira pensar e quem queira engrandecer o seu meio, não ha nada irrealisavel, não ha impossiveis.

E a prova de que assim é ahi está. O Conservatorio, em que pese a uns tantos espiritos pequeninos e maus, ahi está funcionando muito regularmente em predio a caracter, com um competentissimo corpo docente, que honraria a arte em qualquer centro por mais perfeito e completo que fosse, e um regular, mesmo bem numeroso nucleo de alumnos.

Congratulando-nos com o triumpho da acção nobre e desinteressada, que cuida de elevar a sociedade á altura dos seus fins e da sua razão de ser, pois não é com egoismo que se ha de despertar o sentimento do bem e do bello, nem dignificar a solidariedade humana, são nossos votos para que, favorecido por protectoras auras, o Conservatorio se torne um verdadeiro ninho de arte, á altura dos credits desta cidade, de onde saiam os primeiros pregoeiros da nossa emancipação intellectual e artistica, sob amplos e mais humanitarios moldes, onde caibam todas as manifestações e modalidades da Arte, porque, de todas as coisas, só ella é quem é.

O SEGREDO DE UM CRANEO

Bellas flôres! disseste, lançando os olhos para o craneo tetrico, para o sombrio esquisse das minhas esperanças, onde, no entretanto, virentes flôres perfumosas desabrocham! Quizeste assim, caro Paulo, recordarme uma promessa que estou hoje prompto a cumprir, auxiliado por essa tarde serena, por esses raios ainda luminosos do sol poente, que se despedem.

Vou confiar-te o meu segredo, o segredo daquelle craneo amado, e, só então, comprehenderás a grande magua que embranqueceu os meus cabellos de moço.

Esse craneo de mulher, esse craneo de creança que ahi vêes, é a historia tenebrosa de dois corações que se consubstanciaram numa só fórma, ficando agora diminuida, mutilada, exangue, uma pequena fracção que não sei se vive ainda!...

Ha dez annos, uma encantadora menina orava, fervorosa, crente e occulta pela columna da nave de um magestoso templo. A certa distancia, em silencio, eu a observava, com religioso interesse, quando duas lagrimas, essa materialisação dolo-

rida de nossa consciente tristeza, despertaram em mim a mais viva emoção. Desde esse instante, parece, actuou em mim a desconhecida linguagem dos sons que existe em toda a natureza e a propria afinidade de fluidos tão intimamente nos uniu, que ella se voltou para mim, fitando-me longamente e quasi inconsciente, dominada por essa força ignota, que se chama — sympathy.

Desde então, nossas almas unidas não mais se separaram. Confiou-me seus intimos pezares: era noiva; esse laço infelicitosa ia para sempre. Seu coração negava se ao sacrificio; porém, a obediencia ás ordens paternas se impunha, quando a vi exanime, pedir a Deus o seu poderoso auxilio; porém, nessa missão divina, nasceu o nosso affecto pelo pranto orvalhado e pelo pranto tão funestamente terminado. Basta! bem curta é a minha historia, mas muito tragica tambem. Por algum tempo vivemos no paraíso, acreditando que na realidade tinha Deus creado as almas aos pares, sendo unicamente felizes aquelles que foram destinados um ao outro.

Seus paes tinham, finalmente, permitido a nossa união, quando um abysmo se abriu a nossos pés. Avisado o noivo, regressa de uma longinqua viagem, e atravessa-lhe o peito com uma bala certa.

Pobre Celina! tuas vestes alvas ensanguentadas! a flôr predilecta, a bella orchidéa, que muitas vezes te offerencia, ainda conservavas na mão crispada, levando-a ao peito em braças, como para defender o nosso amor! Angelica Celina, perdôa-me! Ainda estou a ver-te com esses grandes olhos azues, voltados para o céu, para o firmamento, de onde não mais se afastam os meus, senão para decifrar o segundo livro da natureza. Nesses dois volumes se encerra a minha existencia: no primeiro o Céu, onde te vejo sempre, ó minha amada, entre douradas nuvens; no segundo, intitulado Terra, onde a sabedoria se revela ainda, perscrutando seus intimos segredos, minha alma num grito de enthusiasmo exclamou: -- creio, creio em Deus!

Perdoa, meu Paulo, essas expansões. Chamam-me o sabio doutor porque me dedico á sciencia; porém, quanta ignorancia existe neste cerebro, cujas faculdades mesquinhas ainda não conceberam uma idéa para se aproximar do céu, onde vivem os anjos, onde se achá minha amada.

Resta-me dizer-te: eis a synthese do meu amor! No craneo o vacuo, onde me lançou a morte e na alva e perfumada orchidéa, que nelle

florece, a lembrança eterna dessa alma immaculada.

DURVALINA PACCA



* A ESTATUA *

Que côr te forma o arido semblante,
Tão branco como a areia do deserto
Queimada e resequiada,
Bebendo o fogo que do sol se espalha,
Sorvendo a tragos os clarões da lua
Tão triste e tão dorida?

Tu tens a correcção do eximio artista,
A mudez eloquente e o ar sereno
De uma Venus pagã.
Eu quero ver-te muito bem de perto,
Desarraigar-te d'este pedestal
P'ra seres minha irmã!

Mas és marmore, e o marmore não fala,
Tem apenas um riso de ironia,
Um riso glacial!
No entanto dizem--«é um primor de arte,
Vale mais que um diamante de Golconda
E um beijo sensual!»

Porque te adoro, ó bloco inanimado?
Porque és a incarnação divina da Arte
No marmore nascida!
Mas, afinal de tanto olhar não sei
O que traduza essa nevada estatua
Estúpida e sem vida!

GASTÃO COSTA.



A Mulher e a Arte

Nos tempos antigos, quando a sciencia ainda não havia attingido ao progresso de hoje, a mulher era considerada como um ente inferior, e, como tal, a sua posição na sociedade, estava fatalmente determinada: era uma escrava.

Com effeito, da tutela tyrannica do pae, passava para a não menos despotica do marido, sem que a sua vontade se manifestasse ao menos na escolha do novo senhor.

Em toda a sua trajetoria pelo mundo, ella só deveria ter um ideal—obedecer!

Os romanos, assignalando esta função passiva, collocavam nos tumulos das esposas virtuosas o seguinte epitaphio: «Guardou bem a casa, e fiou a lã.»

Julgavam que nessa phrase estava synthetisado o maior elogio que se pôde dispensar á mulher!

Entretanto, hoje, quanto ha ganho a propaganda feminista!

A cada passo, vemos as mulheres adquirirem novas regalias, tentarem novos meios para conseguirem a equiparação de seus direitos.

Ha dias, em França, as mulheres, em boletins affixados pelas esquinas, pleiteavam o direito de voto com o seguinte humoristico, porem convincente argumento:

«As eleições não devem ser feitas por suffragio unisexual, mas por suffragio universal!»

Seria admiravel, si não fosse simplesmente verdadeiro!

Quem, como eu, tem acompanhado com curiosidade e interesse essa obra grandiosa da reivindicção dos direitos, sente-se naturalmente admirado pela rapidez assombrosa com que a mulher vaé desalojando o homem das suas posições.

Aqui em S. Paulo, onde o movimento feminista começou ha pouco tempo, assistimos todavia á invasão impetuosa feita pelas mulheres ás nossas escolas superiores.

Mas, é principalmente no grande Estado Norte-Americano que a mulher mais lucha e mais vence.

Lá, ella tem penetrado nas secretarias, no commercio, na imprensa, nas universidades, em toda a parte, emfim, e sempre tem sobrepujado o elemento masculino.

Onde julgaes agora que ella tenta vencer? Nas eleições?

Não alguns estados da importante republica já cederam tambem nesse ponto.

O seu desejo é mais arrojado; é ter o direito de pertencer ás classes armadas, de defender o seu paiz, de morrer por elle e ter sua memoria consagrada pela epopéa! Parece mas não é pilheria.

Li, ha dias, com verdadeiro pasmo, que uma senhora yankee fôra nomeada directora de um dos mais importantes arsenaes de marinha.

Não podemos, pois, ter mais illusões sobre o futuro da mulher; ella será em tudo equiparada ao homem.

Mas, pergunto eu agora, essa legitima egualdade juridica será um bem ou um mal para a humanidade?

A felicidade domestica, a unica felicidade perfeita, não será perturbada por esse facto?

Vejamos; um rapido passeio por esse terreno, sendo o leitor paciente, não será desagradavel.

Que a mulher se dedicando ás profissões masculinas, deixará de receber os mais cominhos preceitos de uma educação domestica, é um facto clarissimo, logico e consequente.

Pela sciencia ella será uma sabia, si quizerem, porem nunca uma bôa esposa.

Quão infeliz será o marido que, voltando para casa, disposto a esquecer nas doçuras do lar as agruras da vida, em vez dos assumptos assucarados sobre os quaes idealisava conversar, ouvir sua mulher falar sobre as funções do figado ou a resistencia dos materiaes, sobre a interpretação das leis ou confecção das pilulas.

E, enquanto ella o enfada com as dissertações scientificas, a cosinheira descuidada deixa queimar o feijão ou esquece-se de salgar a carne!

Não sabe, talvez, a mulher, que a sciencia poderá dar-lhe a gloria, mas nunca a felicidade.

Dir-me-ão os que houverem lido este despretençioso artigo:

«Tresloucado idealista, quereis da vossa obscuridade reprovar o que todo o mundo civilizado pratica? Intentaes deter a evolução das idéas? Pretendeis fazer que a mulher retome sua posição passiva?»

Longe de mim tão arrojadas intenções. Eu tive sempre por costume tomar o mundo tal qual elle é, com todas as suas bellezas e imperfeições.

Approvo, e julgo mesmo necessaria,

a instrucção na mulher, mas, para isso, ella não precisa estragar a saúde, perdendo as noites, curvada sobre os alfarrabios, em profundas locubrações philosophicas, ou respirando o ar miasmático dos laboratorios a investigar os mais occultos phenomenos biologicos.

A instrucção deverá ser não só util, como agradável—assim o será si fôr artistica.

E, entre uma advogada ou uma cantora, uma boticaria ou uma pianista, creio, não se deve hesitar na escolha.

Pesquisar, esmerilhar a sciencia cumpre ao homem, mas, a Arte, pertence á mulher!

A Mulher e a Arte são duas entidades—uma divina, outra humana—que se identificam e se completam.

A Mulher perfeita—eis a incarnação da Arte.

O culto da Arte—eis a educação da Mulher!

S. Paulo, 25-5-906.

OIRAM

Tres pontinhos...

O douto Lorgnon é o correspondente, na capital, da *Tribuna*, de Santos. E, em materia de correspondencia, ninguém, desde os tempos prehistoricos até os nossos dias, o sobrepujou nesse estylo chamado epistolar... As suas cartas avantajam-se ás de Voltaire, Jean Jacques Rousseau e todas as sumidades que escreveram nesse genero literario...

E' um portento, um extraordinario genio obscuro que se perde, inevitavelmente, nas columnas da *Tribuna*. O seu logar não era alli, justamente devia ser no Pantheon, expondo-se á admiração de todos os sabios do mundo!...

E, ante tantos adjetivos encomiasticos e laudatorios, julgará acaso o leitor que isto é engrossamento? Não! E' o agradecimento que, reconhecidos, lhe fazemos pela grande e extraordinaria reclame que o estupendo Lorgnon fez ao nosso Centro e ao nosso jornal!... Estamos pagos.

* * *

Entre repisados sermões e dissonantes cantos, terminou, felizmente, o mez de Maria.

E digo felizmente, não porque desgoste de ver, todas as tardes, passar a encantadora chusma de graciosas senhoritas, empunhando terços—aquelles terços com que marcam um olhar ou um padre-nosso—acompanhadas pelas velhas beatas, tristes, mudas, com ar de Nossa Senhora em procissão dos Passos; não é tambem, porque me cause tédio ouvir a voz aflautada das coristas ou os injectantes sermões, com que os modernos apóstolos pretendem converter a humanidade.

E', sómente, devido aos sinos, aos atreadores sinos, a mais diabolica invenção divina (caso seja), que felicito o povo paulista, por ter atravessado o ruidoso mez.

E' tal o horror que me causa o bimbalar furioso desses sinos, que eu, si fosse o Nazareno, desceria da

cruz e castigaria os desalmados sineiros de modo identico ao do Judeu Errante.

Credo! Ouvir durante toda a vida o badalar dos sinos!

Cruz!

* * *

A gréve! a gréve! Eis o que encheu e absorveu a semana transacta, transbordando após numa rematada ridicularia, com lanças theatraes vasados nos moldes do avoengo dramalhão de relampagos de lycopodio e zabumbadas de folhas de Flandres;

A gréve! a gréve! Ululava a multidão infrene, rebuscando ardorosamen-



Ultimo sorriso

*Minh'alma se finava em soffrimento,
Enquanto a natureza languorosa
Repousava ao fulgor do firmamento,
Que acariciava a terra silenciosa.*

*Como o pária infeliz e sem alento,
Eu vaguei pela noite luminosa,
A pensar na jornada torturosa,
Tornando mais acerbo o meu tormento.*

*Vi de lágrimas cheio o meu passado,
O meu porvir—sonho de ideas loucuras,
Um falso e mentiroso paraizo.*

*E, descrente, morrer quiz, resignado,
Abençoando este mundo de amarguras,
Morrer, tendo nos labios um sorriso.*

Bem Retiro.

J. RABELLO COELHO.



te nos diarios da capital a maior somma possivel de informes.

Aquelles chegaram a custar a modica importancia de 1000 réis! Irra! já é!...

A gréve! a gréve! repetimos como um echo.

Mas, confabulemos com os nossos botões: qual foi a causa da greve?

Agitava o operariado um direito primacial? Isto é, pugnava por um motivo justo? Não, absolutamente não.

Futil, sem pé nem cabeça, disparatada, a gréve não foi gréve (permittam o paradoxo), e sim um arremedo macabro e ridiculo deste direito fundamental do operariado consciante.

Patas *bucephali*, pancadaria grossa, correrias e *tanti cose*, de uma parte; verbosidade superabundantissima, boletins, vaias, tiros... para o ar, bimbalar frenetico de sinos, de outra: tal foi, em summa, a gréve.

E fique-se para ahí a gente, serio, em face desta grotesca pantomima!

Impossivel! Creiam-n'o: aperto desesperadamente os quadris para impedir este maldicto frouxo de riso, mas é inutil: ah! ah! ah!...

Paulicéa, 1906

PIFF, PAFF & COMP.

A ARTE

A criação do CONSERVATORIO DRAMATICO E MUSICAL, nesta capital, foi um acontecimento de grande necessidade e que de ha muito vinha reclamando a sua realização.

A força de vontade de um homem pôde vencer as difficuldades que pareciam insuperaveis, para a realização d'esse acontecimento e a existencia do Conservatorio de S. Paulo é um facto consummado, cujos resultados beneficos far-se-ão sentir mais tarde, com a propagação da boa musica e do gosto pela execução de trabalhos dos grandes cultivadores da divina arte, quer estrangeiros quer nacionaes.

Ao dr. Pedro Augusto Gomes Cardim deve-se esse alevantado acontecimento, a elle e tão sómente a elle deve a nossa sociedade a criação desse templo da Arte, futuro monumento de gloria para esta abençoada terra paulistana.

J. E. S.

O nosso "Centro"

Solemnemente, quanto o permittiram nossas reduzidas forças, inaugurámos o *Centro Artistico do Conservatorio*.

Só os que, tendo um ideal, o realisaram, podem aquilatar o immenso gaudio de que nos achamos possuidos por esse facto.

Na sessão inaugural, effectuada a 3 do corrente, encetámos a realização de conferencias literarias, uma das ideas precipuas do programma do presidente do *Centro*, que, folgauros registrar, começaram a ter a consagração da realidade.

Accedendo gentilmente ao convite da directoria da sociedade, o dr. Wenceslau de Queiroz, um dos mais distinctos lentes do *Conservatorio* e o festejado homem de letras que todos conhecem, se promptificou dissertar sobre o suggestivo thema — *A Arte*.

Destas columnas lhe endereçamos as expressões do nosso mais vivo agradecimento, pelo brilhantismo que imprimiu á nossa festa, emprestando-lhe o robusto prestigio de seu talento.

Não podemos tambem calar a nossa sympathia, bem como a nossa profunda gratidão para com o dr. Pedro Augusto Gomes Cardim, digno secretario do *Conservatorio*, pelo seu inestimavel apoio á nossa agremiação.

EXPEDIENTE:

— A correspondencia deve ser dirigida ao Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo.

— Os autographos, ainda que não publicados, não serão restituídos.

— A redacção só se responsabilisa pelos artigos sem assignatura.

— O «Preludio» será um organo exclusivamente literario, recreativo e critico. Será um archivo onde os gladiadores do Bello e do Artistico encontrarão franco acolhimento ás suas idéas.

Só os lentes e alumnos do Conservatorio Dramatico e Musical poderão ser collaboradores deste organo.